



Experiência Agroecológica

A agrofloresta de Geraldo Lula e Lealdina

Geraldo Lula e Lealdina são casados e têm 3 filhos, a Carol, a Teane e o Que- lion. Eles mudaram para a propriedade na Comunidade do Sossego, Simonésia (MG), há mais ou menos 13 anos e, de lá pra cá, vêm desenvolvendo várias experi- ências, entre elas o trabalho com café agroflorestal. A área plantada tem apro- ximadamente 3,6 hectares com 13.000 pés de café plantados num espaçamen- to de 2,5m x 1,20m e fica no alto da pro- priedade, num local bem "morrado".

Mas esta área, que hoje está muito bonita e produtiva, era um chavascal (área com muita samambaia e algumas árvores salteadas no meio) onde entrou fogo, no ano de 1999, pelo lado do vi- zinho. E foi assim que tudo começou...

Em setembro de 2000, aproveitando que havia entrado fogo, Geraldo plan- tou café e, como a área é "morrada" e estava muito degradada, misturou leguminosas (mucuna, feijão-de-porco e guandu) para melhorar e segurar o solo. O café que foi plantado levou de 30 a 40g de adubo químico que con- têm nitrogênio, fósforo e potássio (NPK) nas proporções de 20-0-10 por cova, até um ano e meio de idade (4 aplicações). Junto do adubo químico foi usado o adubo foliar natural Super- magro, que era aplicado duas ou três vezes por ano.

Geraldo Lula explica que, após o plan- tio, a mucuna foi a primeira a ser mane- jada: "fui controlando para deixar ela no meio do beco e quando ela floriu, com uns 7 meses mais ou menos, foi toda ro- çada de foice". O feijão-de-porco tam- bém foi plantado no meio do beco e, com uns 4 meses, quando floriu, tam- bém foi roçado com foice. No início, ele usava o fertilizante natural Biogel quan- do fazia roçada, para acelerar a decom- posição da matéria orgânica. O Biogel ainda era utilizado para pulverização na lavoura, intercalado com o Supermagro.



f a r t u r a m i n e i r a

Ambos eram aplicados três vezes ao ano. A partir de experiências utilizando o Supermagro, o Biogel ou os dois combinados em talhões diferentes, Geraldo Lula percebeu que o Supermagro é mais eficiente.

Em setembro de 2001, logo depois de podar o guandu, Geraldo plantou milho e feijão na sua propriedade, junto com as primeiras mudas de árvores que vieram do Instituto Estadual de Florestas (IEF): ipê, jequitibá, canjerana, ameixa-do-japão, ingá, vinhático e sibipiruna. Segundo Geraldo Lula, ele plantou as mudas, mas



também começou a acompanhar as que nasciam naturalmente: marica, pau-jacaré, canjiquinha, mamica-de-porca, candiúva, capoeira-branca, goiaba, fedegoso e pata-de-vaca (com espinho). O sistema de plantio de árvores se iniciou com uma muda a cada 5 pés de café, "pulando um beco sim e outro não", mas, hoje, já planta em todos os becos.

Geraldo Lula conta que a idéia de plantar árvores veio a partir da sua observação de que alguns pés de café embaixo das árvores ficavam diferentes daqueles que estavam "a pleno sol". Além de achar que a lavoura com sombra daria certo, outra fonte de inspiração para o Geraldo Lula, foi uma experiência de café com seringueira que alguns agricultores visitaram.

Em 2002, depois da colheita do milho e do feijão, ele plantou mucuna e feijão-de-porco novamente e, em dezembro deste ano, iniciou a conversão para o sistema orgânico. Neste período, ainda usava adubo químico na lavoura de café, na medida de 100g de adubo NPK 20-0-20 por pé de café, aplicados 3 vezes ao ano. Como iniciou a conversão em dezembro, não fez a terceira aplicação que seria em março.

Geraldo Lula e Lealdina participaram, junto com 58 agricultores de Simonésia, do processo de certificação do café orgânico, sendo que a propriedade do casal teve esse certificado de 2003 a 2005.

A inspeção era feita pela Certificadora Sapucaí uma vez por ano e, em 2003, custou R\$ 120,00/ano para cada agricultor. Como alguns agricultores foram desistindo, em 2004 o custo foi de R\$150,00 e, em 2005, de R\$180,00.

Em 2003 a primeira colheita do café na propriedade de Geraldo Lula e Lealdina produziu 80 sacas. A partir deste ano, não capinou mais, fazendo de 4 em 4 meses aproximadamente apenas "a roçada do mato". Em 2004 repetiu a colheita de cerca de 80 sacas e, logo depois da colheita, fez a primeira poda das árvores para levantar a copa.

Em 2005 a colheita caiu bastante, chegando a quase zero de produção. Geraldo Lula acha "que foi consequência das duas colheitas grandes e da lavoura estar sem adubo químico". Como já esperava que a produção cairia por causa da conversão para o sistema orgânico, "eu dei um tempo para ver se a lavoura voltava a recuperar". Apesar da queda da produção, Geraldo Lula percebeu que onde tinha árvore a lavoura sentiu menos.

Em fevereiro de 2006 fez nova adubação química, mas a lavoura já estava recuperando e deu 15 sacas de produção. A colheita de 2007 tinha previsão de ser grande, porém as lavouras da região sentiram as chuvas intensas e acabaram abortando a florada.

Apesar de ter colocado adubo em 2006, Geraldo gosta de lembrar que a "lavoura estava recuperando mesmo sem adubo" e que o motivo que o levou a voltar com as aplicações foi a Certificadora Sapucaí ter "fechado as portas" e ter deixado os agricultores sem certificação. E, além disso, como a área tem bastante diversidade de árvores, a quantidade de adubo é sempre menor que numa lavoura a pleno sol.

Agora, depois da colheita, Geraldo conta que precisa "achar um jeito" de

subir nas árvores para fazer uma poda só por cima (manejo de copa). Atualmente, as árvores existentes na área com café são: ingá, maricá, capoeira-branca, araticum, cana-de-açúcar, abacate, ameixa-do-japão, ipê, pau-jacaré, pata-de-vaca, mamica-de-porca, candiúva, canjerana, sibipiruna, fedegoso, goiaba, quaresma, jequitibá, cambuatá, canela-preta, canela-amarela, quina-jéssica e vinhático. De acordo com Geraldo Lula, dizem que a árvore "jacaré" sozinha não é boa para o café, entretanto, se estiver com outras árvores, não tem problema. Quanto mais árvores melhor,



mas precisa de diversidade, pois cada árvore produz um produto diferente para ajudar a melhorar o solo.

Mas na propriedade de Geraldo Lula e Lealdina o plantio de árvores não se limita à lavoura de café. No quintal, onde também há café, tem muitas coisas plantadas, tudo misturado, como: banana, mamão, abacate, batata-doce, mandioca, taioba, inhame, laranja, limão, abacaxi, jabuticaba, ingá, café, goiaba, maracujá, manga, ameixa, ipê-roxo, jatobá, cedro, capoeira-branca, leucena, fedegoso, nectarina, figo, caqui, acerola, manga-rosa, abiu, lixia, amora, pupunha, ponkan, cravo, louro, fruta-do-conde, sapucaia, uva e carambola. Além disso, a D. Lealdina costuma plantar na horta: alho, couve, cebola,

beterraba, rúcula, couve-flor, brócolis, almeirão e alface, dependendo da época do ano. A maior parte das espécies frutíferas foram plantadas de muda e algumas são utilizadas também como plantas medicinais.

Para Geraldo Lula, “valeu a experiência. Tem o aprendizado, a gente sabe onde errou e pode tomar os cuidados pra não errar mais”. Já a D. Lealdina diz: “por enquanto eu tô gostando”. E brinca: “só fico com dó dele estar trabalhando com a careca no sol, mas a sombra tá ajudando.” Ela ainda diz que está satisfeita com o trabalho “porque agora a gente chega lá e vê café.”



Rede de Intercâmbio de Tecnologias Alternativas
R. Monsenhor José Paulo, 101 | Centro | Simonésia | MG
CEP 36930-000 | Telefones: (33) 3336 1114 ou (31) 3481 9080
www.rede-mg.org.br | rede-mg@rede-mg.org.br



Ministério do
Meio Ambiente
Ministério do
Desenvolvimento Agrário

